

## A IMPRENSA, CO-PARTICIPE DA EDUCAÇÃO DO HOMEM

JOSÉ CARLOS SOUZA ARAÚJO \*

Muitos são os ângulos pelos quais passa a abordagem sobre a imprensa: como construção histórica cujo percurso data dos meados do século XV até hoje; pelo ângulo sociológico, são muitas as temáticas passíveis de exploração, como por exemplo a discussão vinculada aos meios de comunicação de massa; como literatura, cuja abordagem privilegia os gêneros literário-jornalísticos; como fonte de estudos históricos também é significativa sua participação, embora hajam aqueles que a vêem com suspeita; o ângulo econômico também está presente na medida em que constituímos a imprensa como empresa; é o caso ainda da abordagem política que também a imprensa deixa entrever em suas relações com o poder.

Evidentemente, as dimensões teórico-metodológicas presentes nesses vários ângulos citados são inúmeras, chegando mesmo a se entrecruzar, tornando a pesquisa científica muito potencializada pela interdisciplinaridade que esses mesmos ângulos permitem e promovem. Enfocada sob esses aspectos, ressalte-se, uma vez mais, que a imprensa tem sido objeto de uma abordagem interdisciplinar, o que revela sua complexidade e sua intensa participação e presença na vida social de diferentes nações no período da Modernidade.

A experiência de pesquisa científica que temos tido ultimamente se enquadra, em particular, no campo da História da Educação, área que atualmente no Brasil reúne inúmeros pesquisadores. Dentre as fontes utilizadas por tal campo, a imprensa tem se constituído ultimamente numa importante senda: não se trata somente de pesquisas advindas da imprensa denominada educacional, mas de investigações em jornais e em revistas que não têm necessariamente um cunho educacional. Neste sentido, tal modalidade de fonte tem contribuído para ampliar a pesquisa histórico-educacional, dando-lhe contornos e vitalidade há pouco não observados. Há que se ressaltar ainda a potencialidade que tal modalidade de fonte revela para os estudos histórico-educacionais de caráter regional e local.

A reflexão que aqui pretendemos socializar está vinculada à imprensa como partícipe do processo de educação do homem. Enfocando-se assim, nesse sentido lato, a História da Educação deverá ser compreendida como o resgate do modo pelo qual os homens produziram sua existência, seja ensinando ou aprendendo aquilo que circula na cultura. Ou melhor: seja reproduzindo a cultura, seja criando ou recriando a mesma.

“A cultura constitui-se por efeito da relação produtiva que o homem em surgimento exerce sobre a realidade ambiente. Com este conceito apreendemos a noção culminante da teoria da cultura: a que nos mostra a cultura indissociável do processo de produção, entendido este, em sentido supremo, como produção da existência em geral” (VIEIRA PINTO, 1979, p. 123). Descrever a cultura é, portanto, ter em conta as diferentes dimensões da produção da existência. Maneiras de pensar, de sentir e de agir configuram a cultura, posto que fenomenicamente tais maneiras se põem em dinâmica veiculação no interior de um dado grupo humano. Tal veiculação é geradora de experiências que se acumulam tendo em vista o próprio desenvolvimento do homem.

Nesse sentido, pode-se compreender a educação como aprendizagem da cultura. Educar-se é aprender o que circula no interior de um dado grupo humano. Certamente,

---

\* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor de História e Filosofia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Sócio-Fundador da Sociedade Brasileira de História da Educação. (jcaraujo@ufu.br)

a educação como aprendizagem da cultura não é uma simples reprodução, como se as novas gerações simplesmente absorvessem maneiras de pensar, de sentir e de agir postas em circulação pelas gerações adultas. Compreendida assim, o processo da educação seria tão somente reprodutivo, no sentido de imprimir marcas indelévels sobre as novas gerações, como a que atuar externamente sobre as mesmas.

Além dessa dimensão constatadora da educação como aprendizagem da cultura, há um outro ângulo que é o interpretativo, por onde veiculam as relações e as contradições quanto às maneiras de pensar, de sentir e de agir em sua configuração social. A dimensão educativa expressa como resultado de impressão de marcas indelévels, há que se contemplar necessariamente a dimensão interpretativa do próprio processo de produção da existência. A essa dimensão daríamos o nome de "garimpadora", posto que o homem se põe – quando voltado para a compreensão e a interpretação da produção de sua existência – a revelar as contradições de toda ordem que circulam no interior de sua cultura, projetando organizar a sua própria existência sob novos parâmetros.

Por isso, é que a cultura é inseparável da educação. Tal relação é dinamicamente intrínseca ao existir do ser humano, buscando este através de sua existência a sua humanização. Educar-se é viver o que está posto em circulação no interior da cultura, mas este viver não se reduz a reproduzir-se. Viver implica dinamicidade, questionamento, enfrentamento de contradições constituídas e estabelecidas pelo homem no próprio processo de existir. Não há um viver reprodutivo destacado do viver questionador como pode ter sido entendido em parágrafo anterior.

Compreendidas assim as relações entre a cultura e a educação, retomamos o objetivo dessa pequena reflexão: focar a imprensa como partícipe do processo de educação do homem. Tal perspectiva implica assumir a imprensa como uma expressão cultural do homem, como uma conquista, como uma construção histórica a compartilhar como elemento do processo de produção da existência.

Exemplificando: em um dos contatos com o jornal "O Progresso", um semanário circulante em Uberlândia, MG, a partir de 1907, deparamo-nos com o seguinte nível de consciência do editorialista: *"Bem considerado qual seja o papel da imprensa, no desenvolvimento moral, material e intellectual da sociedade; pensando com madureza na activa parte que desempenha na propaganda da instrução popular, torna-se ella credora de acatamento e protecção de todos que desejam ver avançar na trilha do progresso e da prosperidade a sociedade de que todos nós fazemos parte, que se denomina collectividade brasileira"* (O Nosso Jornal, O Progresso, Uberlândia, MG, ano I, nº17, 12/01/1908, p. 1).

Observa-se nesse trecho, como um todo, uma reivindicação no sentido de que a imprensa contribui para a educação do homem. Sua credibilidade advém da legitimidade que busca imprimir na direção 'do progresso e da prosperidade', categorias essas que refletem os ideais de ilustração que vigiam na sociedade brasileira de então, desde as últimas décadas do século XIX. Ressalte-se também a significação que a imprensa possui em vista da promoção que faz da 'instrução popular'. Imprensa, instrução e progresso estabelecem, na citação referida, fortes elos, sustentando sempre a primazia da imprensa em contribuir para o progresso, inclusive no campo da educação.

Em referência ao período desde a última década do século XIX até por volta de 1920, a interpretação expressa pela citação a seguir, caracteriza sobremaneira a significação que teve o desenvolvimento da imprensa entre nós: *"A nova grande força que absorveu quase toda a atividade intellectual nesse período foi sem dúvida o jornalismo. Crescendo emparelhado com o processo de mercantilização na cidade, o jornalismo invadiu impassível territórios até então intocados e zelosamente defendidos. Os jornalistas, ditadores das novas modas e dos novos hábitos, chegavam a desafiar e a vencer a própria Igreja na disputa pelo controle das consciências"* (SEVCENKO, 1999, p. 99).

Tal afirmação, embora tenha os olhares voltados para a centralidade de que gozava

o Rio de Janeiro no período da Primeira República, se insere como pertinente à imprensa do 'sertão' - como já caracterizou alguém -, pois em Uberlândia (antiga Uberabinha até 1929), MG, no início do século XX, - uma cidade com quatro a cinco mil habitantes no máximo - o jornalismo se inscrevia como co-participante e co-promotor do desenvolvimento do município: *"Das colunas do nosso modesto semanário, temos proclamado o adiantamento, a riqueza e os elementos naturais de que dispõe este município, que só esperam que a iniciativa particular se acentue para que Uberabinha se torne dentro de poucos annos, uma das melhores cidades do triangulo, não só no aspecto como na importância comercial"* (Lê monde marche: Uberabinha progride. O Progresso, Uberabinha, MG, ano I, nº 20, 02/02/1908, p. 1).

Tais citações - duas com textos de época e uma interpretativa - refletem o quanto a imprensa, que desenvolve uma modalidade de literatura e envolve intelectuais, está embebida da convicção de que promove a educação do homem. Embora os textos de época sejam de um jornal, com pretensões locais, espelham eles a vinculação ao anseio de estar construindo a 'colletividade brasileira', como vimos acima.

Um outro testemunho de época também espelha isso, sempre em referência ao jornal, *"O Progresso"*: *"E nós, que no meio da nossa obscuridade, não poupamos esforços e nem sacrifícios, para que Uberabinha saia do ostracismo em que tem estado e marche na vanguarda do progresso, acompanhando o evoluir da civilização, ficaremos satisfeitos por vermos coroada de êxito a nossa humilde colaboração e com a consciencia de haveremos cumprido o nosso dever"* (Lê monde marche: Uberabinha progride. O Progresso, Uberabinha, MG, ano I, nº 20, 02/02/1908, p. 1). Ressalte-se novamente como a categoria 'progresso' ocupa nesse trecho lugar central; aqui aparece associado ao termo 'civilização'. Mas está subentendido o papel da imprensa na construção do progresso, da civilização, do melhoramento material, da prosperidade, do desenvolvimento, e assim por diante.

Depois dessa amostra sobre a co-participação da imprensa na dinâmica social, observa-se como é cristalina sua vinculação ao processo de produção da existência humana. Nesse sentido, é que a concepção de História da Educação se amplia. Não se trata apenas de uma história da escola, ou do ensino ou da aprendizagem, ou mesmo das idéias pedagógicas ou da educação escolar. Se a educação é uma prática social que se estrutura a partir do que é veiculado pela cultura, a imprensa tem seu lugar na educação dos homens em sociedade.

Já refletia Barbosa Lima Sobrinho em 1923, quando publicava a clássica obra, *"O problema da imprensa"*: *"A mim próprio só me pergunto se a imprensa é culpada de todos os males que lhe imputam, ou autora de todos os benefícios que vai semeando com despreocupação. E só me acode a resposta de que ela vale como a peça indispensável de um maquinismo, forçada ao movimento de outras peças e ela própria fazendo girar, nos seus eixos, outras rodas"* (LIMA SOBRINHO, 1997, 185). Nessa direção, a de afirmar o intrinsecismo entre imprensa e sociedade, é que o referido autor expressa a posição de que o jornal reflete as paixões e as tendências do público ao qual ele se destina.

Portanto, tomar um dado jornal como fonte histórico-educacional implica ampliar os horizontes para além educação escolar ou da instituição escolar. Estas não se constituem desvinculadas da sociedade na qual se insere. Como vivemos numa sociedade de classes, não se pode deixar de indagar a respeito dos interesses representados por um dado jornal, ou seja dos que o representam, ou que nele façam circular suas posições. A citação abaixo deixa entrever muito bem o que se pretende dizer: o jornal põe em circulação uma concepção de educação, de relações entre 'classes ilustradas' e 'massa popular'. Enfim, afirma-se nessa citação o papel educativo das elites: *"Precisamos porem encarar a vida sem ser pelo lado puramente material e proporcionar ao espirito algum genero de diversões, que concorra para o progresso intelectual da massa popular, tão propensa a deixar-se levar pelas impressões e exemplos das classes mais ilustradas, que por sua vez, tem obrigação de comcorrer com o seu contingente para o aperfeiçoamento moral e intelectual da sociedade"* (Diversões. O Progresso, Uberabinha,

MG, ano I, nº 28, 29/03/1908, p. 1).

Tais citações procuraram expressar a consciência que a prática do jornalismo tinha em vista num período em que a postura ilustrada dominava o cenário brasileiro entre fins do século XIX e inícios do XX. Certas dimensões dessa consciência passaram, como vimos pelo desenvolvimento moral, material e intelectual da sociedade. Tratava a imprensa de acatar e proteger a sociedade tendo em vista o progresso e a prosperidade da mesma, o seu desenvolvimento comercial, tendo como pano de fundo acompanhar o processo de civilização.

A reflexão que fizemos procurou mostrar muito mais que uma aproximação da imprensa à educação ou vice-versa. Suas relações são intrínsecas. Pode-se até dizer que a educação intelectual, moral, estética, física, etc é o grande problema do homem no processo de produção de sua existência. Dessa forma, a imprensa deve ser considerada como um aspecto vinculado a esse mesmo processo. Vai nessa direção a reflexão de Barbosa Lima Sobrinho: *"Para os defeitos que se registram na imprensa há, pois, muitos responsáveis e não é possível emendá-la agindo tão-somente contra um dos três culpados [o público, a própria imprensa e o governo]. É necessário cuidar de providenciar para os outros. Mas elevar o público, educá-lo, corrigindo-lhe a moralidade, não é obra para uma geração. Às vezes resulta impossível... Há defeitos na imprensa incorrigíveis e diante dos quais é preciso cruzar os braços, pelo receio dos danos imensos que qualquer intervenção acarretaria. Esclareça-se o espírito público, difunda-se a instrução e entregue-se à educação o preparo de caracteres; à medida que esse esforço venha atuando, a imprensa naturalmente se elevará"* (LIMA SOBRINHO, 1997, p. 187).

#### BIBLIOGRAFIA

- LIMA SOBRINHO, Barbosa. O problema da imprensa. 3ª. edição. São Paulo, EDUSP; Com-Arte, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1999.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2ª. edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.